

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

OSCAR MICHEAUX – PIONEIRO DO CINEMA AFRO-AMERICANO

3 de Março de 2022

## BODY AND SOUL / 1925

um filme de OSCAR MICHEAUX

*Realização, Argumento:* Oscar Micheaux, a partir do seu romance homónimo *Interpretação:* Paul Robeson (Reverendo Isaiah T. Jenkins, ou “Jeremiah, The Deliverer” / e Sylvester, o seu irmão gémeo), Mercedes Gilbert (Sister Martha Jane, mãe de Isabelle / *não creditada*), Julia Theresa Russell (Isabelle, a rapariga / *não creditada*), Lawrence Chenault (Yello-Curley’ Hinds, o antigo companheiro de prisão do falso Reverendo), Marshall Rogers (dono do Speakeasy), Lillian Johnson (“Sis” Caline, uma senhora piedosa), Madame Ribonson (“Sis” Lucy, uma senhora piedosa), Chester A. Alexander (Deacon Simpkins, um ancião da igreja), Walter Cornick (Brother Amos, um ancião da igreja), Tom Fletcher (*não creditado*).

*Produção:* Micheaux Film (Estados Unidos da América, 1925) *Produtor:* Oscar Micheaux *Cópia:* Kino Lorber, DCP (reprodução digital de uma cópia 35 mm preservada pela George Eastman House), preto-e-branco com tintagens, muda com banda musical \*, intertítulos em inglês e legendas electrónicas em português, 93 minutos *Estreia:* 9 de Novembro de 1925 (EUA) *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

**\*A banda musical aposta à imagem no DCP em que vamos apresentar BODY AND SOUL foi composta em 2016 por Paul D. Miller (D.J. Spooky) e é interpretada por Dana Reason (piano), Ryan Bisack (bateria) e Sean Flannery (saxofone e baixo). Este trabalho foi feito por altura da recuperação de oito longas e uma curta-metragem de Oscar Micheaux para divulgação em formato digital. Em 2000, BODY AND SOUL foi apresentado no New York Film Festival com uma composição musical de Wycliffe Gordon interpretada ao vivo pela Lincoln Center Jazz Orchestra.**

Parte substancial da obra cinematográfica de Oscar Micheaux está dada como perdida a esta data enquanto vários dos títulos sobreviventes existem em versões incompletas ou mutiladas pela censura de que foram alvo. É o caso de BODY AND SOUL, que difere da versão de nove bobines originalmente montada por Micheaux, em contraponto à do material sobrevivente de apenas cinco bobines. Segundo os registos, à versão original apresentada pelo realizador à entidade nova-iorquina competente foi negada licença de exibição por suposta “incitação ao crime”, “imoralidade” e “sacrilégio”. Micheaux remontou o filme para que obtivesse licença.

SESSÃO APRESENTADA POR RICHARD PEÑA

---

A obra-prima de Micheaux gerou uma polémica tremenda. O filme foi severamente cortado pela New York Board of Censors [...] e alvo de antipatia por parte da imprensa negra que saudou a sua estreia com um eficaz silêncio. Criticando tão implacavelmente o clero, BODY AND SOUL tinha rompido uma lei não escrita. [...]

Foi um filme mal recebido em muitas frentes – excessivamente ousado, excessivamente brilhante e excessivamente extraordinário para seu mal.

Charles Musser (*Fim Comment*, set/out 2000)

*Um dos maiores actores americanos, Paul Robeson.*

J. Ronald Green (*With a Crooked Stick*)

Não é estranho que BODY AND SOUL tenha permanecido inédito em Portugal, onde, portanto, não se chamou *corpo e alma*. Sem gospel. Em 1925, ainda o cinema era mudo e este BODY AND SOUL de Oscar Micheaux (1884-1951), como os seus demais filmes, desalinava do cânone da produção e da distribuição dominantes nos Estados Unidos da América. Longe de Hollywood, longe da realidade

representada pelos estúdios, longe dos seus meios e protagonistas, construído noutra galáxia também em termos de orçamentos (escassos em montante, meios, dias de filmagem), nem no seu país de origem entrou facilmente nas salas. Estreou no ano de THE CIRCLE e outros Frank Borzage, THE COST OF FOLLY e NIGHT LIFE OF NEW YORK de Allan Dwan, THE FIGHTING HEART e outros John Ford, GO WEST de Buster Keaton, THE GOLD RUSH de Chaplin, LADY WINDERMERE'S FAN de Lubitsch, THE MERRY WIDOW de Stroheim, SALLY OF THE SAWDUST e THAT ROYALE GIRL de D.W. Griffith... e um longo *et cetera* de títulos e, ou, nomes de realizadores mais, ou menos, reconhecíveis. *While in the meantime* (para recuperar um dos intertítulos iniciais de BODY AND SOUL: *E no entretanto*), o cinema fazia-se diverso. Como a sua história, pesadas a visibilidade e a invisibilidade.

Dado como o 14º título da filmografia na realização de Micheaux e um dos raros sobreviventes a esta data entre os mudos que integram a obra assinada entre 1918/19 e 1948 (uns 40 filmes, de THE HOMESTEADER a THE BETRAYAL, ambos adaptações de romances seus), BODY AND SOUL é o primeiro filme de Paul Robeson, actor que se estreia em grande e em dupla: no melodrama escrito e filmado por Micheaux a meio da década de 20 do século XX Robeson interpreta dois papéis em espelho, o do malévolo falso pregador que indromina uma mulher da sua congregação, pretendendo atingir a filha desta (Julia Theresa Russell, aparentemente actriz deste único filme), e o do seu doce irmão gémeo, o honesto aspirante a inventor pelo qual a rapariga está apaixonada. No centro dramático, a extraordinária personagem da mãe de Isabelle, a Irmã Martha Jane composta por Mercedes Gilbert (actriz, poeta e romancista, na altura deste segundo filme em que participa pouco mais velha do que “a sua filha” Theresa Russell): trabalhadora convicta da sua fé no reverendo em quem vê um futuro marido para a filha, Martha Jane guarda o pé-de-meia acumulado ao longo da vida de trabalho a lavar e engomar para fora num exemplar da Bíblia, sendo a cegueira da sua fé o que, no limite, conduz à tragédia. As linhas anteriores sumariam narrativamente o filme de Micheaux, ambientado na comunidade afro-americana de Tatesville, na Geórgia (uma pequena cidade sulista à imagem das comunidades verídicas familiares ao realizador), pelo qual perpassa uma crítica dura ao poder socialmente exercido pela religião, à corrupção e abusos intoleráveis, e sobretudo um olhar indissociável ao seu lugar de partida.

O realizador afro-americano, também produtor independente e antes disso escritor, cujo rasto tem vindo a ser recuperado com a chegada do segundo milénio, é reconhecido como o primeiro autor negro que trabalhou nos seus filmes com uma equipa de pessoas negras para uma audiência de pessoas negras – é factual, como factual é que antes dele outros pioneiros houve, desde logo William (Bill) Foster (1884-1940), que em 1912/13 divulgou THE RAILROAD PORTER (OU THE PULLMAN PORTER), produzido pela The Foster Photoplay Company, por si fundada em 1910, em Chicago. De qualquer modo, nesse sentido retrospectivo, em que se admite que só tardiamente os espectadores brancos tiveram contacto com os filmes de Micheaux, divulgados sobretudo entre comunidades negras, é-lhe associado o pioneirismo de primeiro exemplo norte-americano de um *autor* de “cinema racializado”. As reflexões contemporâneas em torno da sua obra debatem este inescapável ponto, como o da incendiária recepção na época, incluindo as que verteram acerca dos eixos artístico e político do seu legado, a cotejar com a experiência biográfica. No par de estudos publicados que dedicou a Micheaux, *With a Crooked Stick – The Films of Oscar Micheaux* (2004) e *Straight Lick: The Cinema of Oscar Micheaux* (2000), J. Ronald Green explica aprofundadamente os seus pontos de vista defendendo o trabalho de Micheaux em ambas as frentes. A “literatura básica” sobre o realizador-argumentista-produtor conta ainda com as análises biográfica de Betti Van-Epps-Taylor (*Oscar Micheaux: Dakato Homesteader, Author, Pioneer Film Maker*, 1999) e de caso por Pearl Bowser e Louise Spence (*Writing Himself into History: Oscar Micheaux, His Silent Films and His Audience*, 2000)

ou por Bowser, Jane Gaines e Charles Musser (*Oscar Micheaux and his Circle: African-American Filmmaking and Race Cinema of the Silent Era*, 2016).

Sobre *BODY AND SOUL*, Bowser e Spence escreveram longamente detendo-se na questão, pesada, da representação: em “*Oscar Micheaux’s Body and Soul and the Burden of representantion* (a ler no *Cinema Journal* nº 3 da Primavera de 2000), encontram-se vários dos discursos críticos de época, repescados em citações elucidativas de jornais como o *New York Age* e o *Chicago Defender*, e também a perspectiva “das política de identidade racial e a procura da identidade racial numa época em que a estrutura de classes no seio da comunidade afro-americana estava a tornar-se mais estratificada”. Coordenadas dadas – analisar solidamente o cinema de Micheaux, o relevo e as nuances, requer disponibilidade e a noção da gama de cinzentos pela qual entra a complexidade dos termos. É porventura mais conhecido o facto de Micheaux se ter afirmado por oposição ao discurso ideológico racista propagado pelo cinema de Griffith, que confrontou por via dos filmes, propondo *WITHIN OUR GATES* e *THE SYMBOL OF THE UNCONQUERED* em 1920 *contra* *THE BIRD OF A NATION* realizado cinco anos antes com base narrativa infame em *The Clansman: A Historical Romance of the Ku Klux Klan* de Thomas Dixon (1905). Em simultâneo, na época do movimento cultural Harlem Renaissance, Micheaux trabalhava as noções da mobilidade social abordando uma delicada série de assuntos que ponham o dedo na ferida racista, na segregação e na supremacia branca, expunham linchamentos, violações, condições serviçais, a corrupção entre pastores religiosos. Como se vê em *BODY AND SOUL*.

Trata-se de um filme bastante duro nos termos, que não poupa muita gente, desde logo não poupando a escolha da visão fantasista do mundo da protagonista, que a própria filha sabe relutante a ceder à realidade que tem à frente dos olhos: “Fugi porque sabia que era escusado tentar explicarte. Nunca terias acreditado em mim.” Trata-se também de um filme que ao “risco temático” emparelha o risco de uma abordagem elíptica, sulcada por digressões e flashbacks, além de que em boa parte construída sob a lógica do sonho, isto é, do pesadelo. Não necessariamente por ter sobrevivido mutilado, como observam alguns autores, mas porque tal abordagem parece corresponder de facto, no caso deste filme (de construção mais elaborada do que *WITHIN OUR GATES*, por exemplo), a um olhar ele próprio trespassado pelas possibilidades do cinema. Uma sequência poderosa como a da violação de Isabelle pelo “Reverendo Jenkins” é construída na elisão do acto pela exposição do medo na reacção da rapariga à intrusão do homem no seu espaço privado fixado em planos de pés, chão, a luz projectada pela soleira da porta nos momentos imediatamente anterior e posterior. A violação física da rapariga vai mais fundo, quando o homem visita a casa para “lutar com a alma de Isabelle”, mostrando-lhe como a tem à sua mercê já que sabe, como ela, que a manipulação a que submeteu Martha Jane lho permite. Pelo menos temporariamente, no tempo em que a tragédia se consuma e o drama se resolve.

Construído como um pesadelo, marcado pela realidade que impregna planos e intertítulos, sendo portanto um elemento da própria linguagem (como de resto da banda musical, que nesta versão contemporânea ecoa os acompanhamentos ao vivo das projecções de época), *BODY AND SOUL* é uma obra a ver e rever. No artigo citado em epígrafe (*Turning the Tables*, *Film Comment* de Setembro/Outubro de 2000), argumentando que a abordagem anti-realista de Micheaux se conta entre as mais estimulantes inovações formais do cinema mudo, Charles Musser explicita: “O que participa do ‘real’ e o que participa do sonho de pesadelo da personagem [de Martha Jane] nunca é completamente resolvido, tal como o apuro da população negra nos EUA é uma mistura instável de pesadelo e possibilidade.” Dando passos em diante, J. Ronald Green analisa o filme defendendo que “o irmão gémeo burguês interpretado por Robeson é o herói do filme, o representante do

desenvolvimento vindo de dentro que alguns dos intelectuais de Charles T. Davis [escrevendo sobre a Harlem Renaissance] estavam a reclamar. É uma figura – muito como outros heróis de Micheaux – com a qual os espectadores são supostos identificarem-se e levarem consigo para a realidade exterior à sala de cinema, a figura a seguir ao longo do caminho, para lá dos sonhos e fantasias, rumo a um *american dream* realista e verídico. E é o caminho o que está em causa em BODY AND SOUL. [...]"

O epílogo do sonho americano de BODY AND SOUL, talvez não reste dizer, não garante necessariamente o final feliz.

Maria João Madeira